

FOLHA DE S. PAULO

CADERNO DE DOMINGO

São Paulo, domingo, 20 de abril de 1975

Santo André: 8.º Salão AC

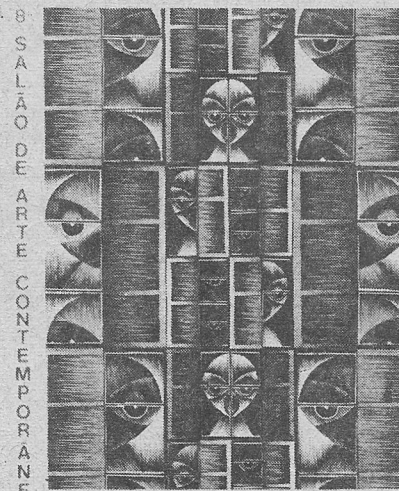
O 8º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, inaugurado no dia 7 deste mês, de maneira geral tem um bom nível. Os trabalhos premiados são o que de melhor lá está exposto. Sabemos que a seleção e a premiação dos participantes do Salão de Santo André deram margem a discussões exacerbadadas entre os participantes do júri, Jos Luyten (presidente), Casimiro Xavier de Mendonça Neto e Carlos Henrique Maria de Lacerda. O corte dos inscritos foi drástico, eliminando o que havia de pior e, segundo alguns, também o que havia de melhor. Mas os prêmios acabaram sendo dados e os selecionados, a grosso modo fazem boa figura.

Os premiados foram estes: Milton Precivale (Sonho de Paz) e Jaime Yesquenirite (Natureza e Máquina), ganharam os dois prêmios mais polpidos do Salão (10 mil cruzeiros cada um). Milton Precivale apresenta trabalhos de excelente fatura, grande força e impacto visual.

Os outros três prêmios de 5 mil cruzeiros cada, foram para Niobe Xandó (Trabalho II), Geraldo José dos Santos (A Sapoti II) e o matogrossense João Sebastião Francisco da Costa.

A nosso ver, João Sebastião é o ponto mais alto do Salão de Santo André, com seu trabalho "Amazonia — mês de abril".

É um artista que se destaca. Os outros trabalhos seus são "Sagrado Coração" e "Cordeiro de Deus". Geraldo José dos



SANTO ANDRÉ-CENTRO CIVICO-ABRIL-1975

Odila Mestriner, na capa do catálogo

Santos com a série "Sapoti" (Angela Maria) é, dos premiados, o que menor interesse desperta, um "pop" já demodê, que pouco ou nada acrescenta ao nível do Salão. Ao contrário de João Sebastião, pessimamente colocado no recinto, prejudicando o impacto de sua obra. Ao contrário de Precivale, que traz algo de novo, se bem que possa também ser enquadrado no rol dos "pop". Ao contrário de Niobe Xandó, estista experimentada,

com grande e longa vivência da arte, que apresenta três colagens discretamente coloridas, em contrapartida com o preto-e-branco que vinha sendo a tônica de seus trabalhos.

Não podemos afirmar que esta ou aquela tendência tenha predominio entre os trabalhos expostos. O figurativo e o abstrato balancam em volume. Alguns geométricos, alguns quase-surrealistas. Alguns "op", alguns "pop".

Dos artistas que expõem em Santo André merecem maior atenção além dos premiados, os seguintes:

Romão Bertoncel (fios cruzados, com interessantes efeitos visuais); Habuba Farah Ricetti (op-art, porém não os melhores que esta pintora faz e que vimos em sua recente exposição em São Paulo); Maria do Carmo Vilela Dantas, perspectivas sugerindo escadas, plasticamente bonitos; Elmo Didier de Almeida, com dois óleos sobre tela, trabalhos surrealizantes de esmerada execução, visando a efeitos que impressionam aos olhos, mas que provam saber pintar e ter boa noção de cor; Oila Mestriner (capa do catálogo), com trabalhos na área do fanático, concebidos com mestria; Francisco Gonzales, com bons desenhos; Clarisse Gueller, com trabalhos de nível; M.A.R.A. Amaral Aranha, ótimos desenhos desta aluna de Waldemar da Costa; Meiri Levin também com bons desenhos; Cláudio Scatamacchia e José de Diago, ambos bem representados.